

Introdução

Nas comunidades tradicionais amazônicas do vale do Guaporé, estado de Rondônia, a atuação das mulheres afro-indígenas no processo de produção dos ciclos da borracha foi um trabalho silencializado pela história, apesar delas (as mulheres) atuarem de forma ativa ao mesmo tempo que realizavam atividades consideradas domésticas como cuidar dos filhos, do marido e dos doentes, a agricultura familiar e a arte de partejar.

Dito isto, no caso deste estudo pretende-se uma leitura com outras lentes no que diz respeito à contribuição das mulheres nos espaços das estradas de seringa e na agricultura familiar, assim como sua atuação solidária para auxiliar mulheres gestantes no trabalho de parto e no período de resguardo materno.

Nesse sentido e diante da complexidade que é discutir a temática, o objetivo central deste estudo foi analisar o trabalho das mulheres dentro das colocações de seringa e em trabalhos de partejamentos, pois: “embora gozem de certo prestígio, sua vida rotineira em nada difere das outras mulheres da comunidade, a não ser pelo fato de estarem sempre prontas a atender aos pedidos de socorro físico ou espiritual” (SHUMAHAR; BRAZIL, 2007, p. 179). Excluídas de uma história feita a partir de “grandes homens”, nos oportunizamos “desvirilizar” a história (PERROT, 1992) a partir de um levantamento bibliográfico e narrativas orais de vida de mulheres realizadas durante o curso de Mestrado em História e Estudos Culturais (UNIR).

Para esta empreitada, os estudos teórico-metodológicos de Perrot (1992, 1998); Benchimol (1999); Simonian (1995); Priore (2004); Davis (2016), dentre outro/as, como possibilidade de compreensão das questões levantadas sobre o trabalho das mulheres parteiras em colocações de seringa na Amazônia. Não obstante, suas estratégias de sobrevivência em atividades internas e externas à moradia contribuíram de forma relevante para a constituição social, cultural e econômica do vale do Guaporé.

O trabalho silenciado das mulheres seringueiras

Homem, mulher, criança...ia tudo pra seringa. Eu acompanhei meu pai com sete anos (LEOPOLDINA).

¹ Doutoranda em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (PPGLI/Ufac); e-mail: joely.santiago@sou.ufac.br

A narrativa que aqui abre alas à essa parte do texto trata-se da senhora Leopoldina². Uma mulher que trabalhou e vivenciou em seringais a partir dos sete anos de idade. A senhora Leopoldina rememora que a época de vida e trabalho nas colocações de seringa era organizada sem divisão sexual entre homens e mulheres onde “tudo ia pra seringa”, apesar da mulher ter construída sobre si um discurso que a atestou como “fraca” para ir para o mato, “fraca” para pegar peso, “fraca” para trabalhar borracha, revelando-se aí uma desigualdade criada em torno dos gêneros e da “divisão” de papéis entre homens e mulheres (PERROT, 1995).

Um trabalho silenciado que a senhora Amélia, apesar de não ter participado de todas as etapas da borracha, lembra: “Eu nunca cortei seringa não. Só ia na colocação de seringa pra cozinhar. Eu acompanhava o homem no mato. Eu tinha medo de onça, mas cortar seringa eu nunca cortei não. Ajudava a colher”. Corrobora Simonian (1995, p. 112) que a presença dos nordestinos na Amazônia foi expressiva para trabalhar nos seringais em meio aos perigos das florestas: “[...] criaram condições para consolidar a concepção de que trabalho no seringal é trabalho de homens. À esta visão sobre a divisão sexual do trabalho, de natureza machista, deve ser acrescentado que a mesma foi interiorizada pelas próprias mulheres seringueiras”, a exemplo da narrativa da senhora Amélia quando diz “eu tinha medo de onça [...] ajudava a colher”. O medo de animais ferozes não impossibilitou Amélia ir para a Mata.

A narrativa de dona Amélia também evidencia outros dados importantes: a mulher responsável pelo trabalho de fazer as refeições, o perigo de serem atacados por animais selvagens e/ou peçonhentos numa época que não existiam normas trabalhistas e nem equipamentos de segurança, o trabalho de “sangrar” a seringueira sem prejudicar as próximas safras e a mulher “ajudante” que não cortava, mas trabalhava cozinhando e ajudando a colher e, por isso “não trabalhava”. Um tipo de violência que durante anos perpetuou a desvalorização das mulheres nas colocações de seringa. Corrobora Perrot (1995, p. 18) que:

Escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos. Escrever tal história significa levá-la a sério, querer superar o espinhoso problema das fontes (‘não se sabe nada das mulheres’, diz-se em tom de desculpa). Também significa criticar a própria estrutura de um relato

² Leopoldina, 69 anos de idade. Entrevista concedida a Joely Coelho Santiago. Guajará-Mirim-RO, 05 de agosto de 2020.

Nesta perspectiva, Angela Davis (2016, p. 225) analisa que: “as obrigações maternas de uma mulher são aceitas como naturais, seu infinito esforço como dona de casa raramente é reconhecido no interior da família”. Destinadas “apenas” aos serviços domésticos, as mulheres também estavam ativas nos trabalhos feitos pelos homens nas colocações de seringa, entretanto sua mão de obra foi considerada secundária aprisionada na figura masculina como apêndice e/ou ajudante, auxiliar, companheira.

Nesta perspectiva, a região do vale do Guaporé na época de fabricação da borracha foi um espaço onde todos os membros familiares organizaram-se entre si: “de mamando a caducando” (AMÉLIA³), pois a borracha constitui-se em um tipo de relação interdependente que mantinha presa o seringueiro (trabalhador que produzia a borracha) e o seringalista (patrão que arrendava as seringueiras e comprava a borracha dos seringueiros).

Em outras palavras, um sistema de crédito/dívida nomeado “toco” ou barracão, uma vez que, o seringalista comercializava produtos diversos, com preços exorbitantes, aos homens e mulheres seringueiros, resultando uma dívida que dificilmente era quitada, já que os grupos de trabalhadores iniciavam os trabalhos nas colocações endividados. De acordo com Benchimol (1999, p. 141) os grandes compradores externos, como Belém e Manaus, eram os que ocupavam parte do topo na pirâmide de compra da borracha amazônica intermediados pelos patrões que: “lhes financiavam as mercadorias para a montagem das safras e os seringueiros que viviam internados nas estradas e colocações, onde exerciam o seu ofício de sangrar, coletar e defumar as *pélas* de borracha no seu tapiri de palha e paxiúba, para entregas periódicas ao barracão do patrão”.

Logo, compreende-se que apesar do elo que existia em torno de compradores “de fora”, patrão e homens e mulheres seringueiros, essa época de produção da borracha foi um período que as famílias conseguiam comprar produtos que não conseguiam na agricultura familiar como sal, anzol, tecidos e ferramentas. E apesar das mulheres serem as responsáveis pelos trabalhos domésticos, ela também se embrenhava Mata adentro para a produção da borracha. Sobre esse trabalho de corte das seringueiras à produção gomífera, rememora Francisca⁴:

Cortava a madeira, aí tirava o leite. Aí tinha que voltar pra colher aquele leite. Aí chegava em casa tinha que aquecer. Botava numa lata de querosene,

³ Amélia, 82 anos de idade. Entrevista concedida a Joely Coelho Santiago. Guajará-Mirim-RO, 27 de maio de 2019.

⁴ Francisca, 91 anos de idade. Entrevista concedida a Joely Coelho Santiago. Guajará-Mirim-RO, 19 de maio de 2019.

botar no fogo até ele engrossar. Aí quando ele engrossava, a gente já ia defumando aquela fumaça, fazia o buião...que era uma coisa assim que tinha o buraco pra cima, aí aquela fumaça saía. Aí tinha um pau pra lá e outro pra cá de travessado. Fazia aquela forquilha e a borracha ali pra ir defumando. Aí molhava aqui na pelota ou na bacia com leite, aí botava na boca do buião de novo pra defumar.

A partir da narrativa da senhora Francisca, mulher que viveu e trabalhou em colocações de seringa do vale do Guaporé, como exemplo de um modo de vida como de outras mulheres, podemos observar as etapas nas colocações de seringa desde o corte das seringueiras, extração do leite e defumação à transformação em borracha. A narrativa da senhora Francisca também nos mostra a logística que acontecia entre a coleta do leite da seringueira até os abrigos provisórios edificadas no interior da Mata.

É oportuno ressaltar, conforme narrativa anterior que as colocações de seringa ficavam distantes das moradias dos seringueiros e, portanto, durante os meses de produção da borracha as famílias migravam para a floresta e retornavam apenas no fim da safra gomífera. Uma realidade também vivenciada pela senhora Olandina⁵ quando lembra os tipos de borracha:

Tinha de acocho e tinha defumado. De acocho é cortar e embutir as tigelas nos pé da seringueira. Com dois dias ia só tirando. Tirando o sarnambi e botando dentro do saco. E o defumado, cortava e ia colhendo. Nesse tempo que nós ia pro seringal não era de acocho. Cortava...daí vinha colhendo. Enchia o balde, despejava no saco de goma...amarrava e ia colhendo, colhendo até acabar de colher as estradas todinho. Chegava em casa, quecia o leite e defumava. Quando era no mês de janeiro, fevereiro, vinha o batelão só cheio de borracha. Um batelão atrás do outro, no rio. Remando, varejando.

A narrativa da senhora Olandina afirma as diferentes formas que o látex atingia a depender do modo de preparo, assim como o trabalho de força e habilidade que era o transportar do leite da seringueira até os locais onde ele seria defumado até a transformação em borracha. Não obstante, toda a produção comercializada com o seringalista – figura masculina que se intitulou dono das terras produtivas e, dessa forma, oferecia esses espaços aos seringueiros desde que pagassem pelo uso da terra como se fossem áreas arrendadas. Não obstante, também havia um outro tipo de imposto cobrado pelo seringalista que a senhora Leopoldina⁶ rememora:

Todo mundo sabe que tem os bobos e os espertos. Até hoje é assim: medido na lata. E eles queriam a lata sacudido e com a cabeça. Se era na borracha,

⁵ Olandina, 78 anos de idade. Entrevista concedida a Joely Coelho Santiago. Guajará-Mirim-RO, 13 de janeiro de 2019.

⁶ Leopoldina, 69 anos de idade. Entrevista concedida a Joely Coelho Santiago. Guajará-Mirim-RO, 05 de agosto de 2020.

eles inventaram uma tal de “Tara”, que eu não sei...hoje não tem mais. Só pra tirar do pobre que já não tinha. Era assim...uma comparação: se a borracha dava cinquenta quilo. Eles só pagava quarenta. Porque aquela tara que eles falava. A borracha não tinha uma água? Ia quebrar dez quilo, e eles só pagava quarenta. Tudo eles com a vantagem. E o pobre sempre sendo prejudicado. Mas era o mió de sobreviver, né. Fazer o quê?

Ainda de acordo com a senhora Leopoldina é possível compreender sobre as estratégias utilizadas para a dominação dos homens e mulheres nas colocações de seringa, pois além de iniciarem o trabalho endividados numa teia que nunca cessava, eles dificilmente conseguiam quitar suas dívidas devido às taxas de impostos e os preços dos produtos comercializados a prazo. A “tara” foi um tipo de imposto cobrado nas colocações de seringa que a narradora entende como “vantagem” para o seringalista, apesar de reconhecer que esse tipo de trabalho foi uma forma de sobrevivência na época (SANTIAGO; ROCHA, 2022).

Madrinha de umbigo: “quem te aparou?”

O cotidiano das mulheres parteiras nas colocações de seringa afirma sobre a importância que elas desempenharam nesses espaços masculinizados e que muito define um modo de vida regido pelas estações dos rios e florestas amazônicos. De acordo com Cruz e Almeida (2017, p. 59), essa forma de silenciamento é um tipo de desvalorização de todo um universo no qual as mulheres fizeram parte, pois “a história é especificamente a do seringueiro, é vista como só o homem seringueiro, e à mulher cuidar dos afazeres de casa aprovisionando o homem para que ele possa desenvolver seu trabalho, sem se preocupar com a roupa suja e chegar e ter comida pronta e a casa limpa”. À mulher uma jornada exaustiva de trabalho três vezes maior do que a dos homens, contudo práticas silenciadas.

Sobre as negociações nos barracões, há relatos que as mulheres casadas raramente participavam, pois o acerto era feito por um membro masculino da família da qual essa mulher pertencia – marido, pai, irmão, tio: “gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente construídas” (BLUTER, 2015, p. 21). Há casos em que a mulher foi usada como pagamento de dívidas e como instrutoras aos novos trabalhadores “[...] na conformação de importantes papéis na relação patrão e empregado, e estes recém-chegados passavam a conhecer a floresta a partir do olhar, dos saberes e dos fazeres femininos, contrastando com o mundo entendido como masculino” (CRUZ;

ALMEIDA, 2017, p. 57). No que diz respeito às mulheres mães solteiras e/ou viúvas, eram elas mesmas quem negociavam com o patrão suas produções.

A presença feminina nas colocações de borracha foi essencial para o trabalho nos seringais e os de partejamentos que lá aconteceram, assim como os casos de doenças no qual as mulheres realizaram o preparo de remédios naturais feitos com ervas medicinais:

inegavelmente sem a participação e trabalho feminino nos espaços do seringal e no âmbito doméstico, os homens não teriam como se dedicar exclusivamente ao corte da seringa para suprir as necessidades de um mercado que se dinamizava e exigia maior agilidade dos trabalhadores em diferentes espaços de produção (CRUZ; ALMEIDA, 2017, p. 67).

As artes das mulheres parteiras foram práticas culturais repassadas de geração a geração entre mulheres jovens e idosas, na prática durante o trabalho de parte. Para Leopoldina⁷, as mulheres parteiras eram matriarcas experientes conhecedoras das florestas. Muitas delas já faleceram, permanecendo vivas na memória das mulheres que receberam seus cuidados:

Finada Pifana, Marinha, Pedrosa, Nazaré, finada Dorotéia...viva nenhuma. Do começo quando já tava com seis meses já procurava uma delas, né...aí eles iam arrumar a barriga se tava com a criança torto...ou sentado. Eles tinha o jeito de virar, pra criança ficar na posição quando já fosse ter. Se você não sabia quando tinha engravidado, ela sabia. Quando elas iam arrumar a barriga, elas sabia. Essa sabedoria elas tinha e dava certinho. Você vai ter tal mês... e tinha. Quando tava sentindo dor, ia atrás dela...aí ela vinha fazer o parto.

Com base na narrativa anterior da senhora Leopoldina, o trabalho de parto consistia em “encomendar” à parteira da localidade em que aquela mulher gestante morava quando ela afirma: “com seis meses já procurava uma delas”. Além disso, todo o parto era natural de forma paciente no qual a parteira tinha habilidade para deixar o bebê na posição correta para o nascimento, ou seja, parto cesariano era algo não realizado. A parteira tinha conhecimentos em diagnosticar a data de parto apenas observando o formato da barriga. Eram mulheres procuradas pelas famílias. Se diferenciaram das outras mulheres a partir desse conhecimento ancestral, contudo realizaram os mesmos trabalhos dos seringueiros nas florestas. Partejaram em colocações de seringa, beiras de igarapés, barrancos e canoas: “desde épocas remotas, elas já viajavam de casa em casa, aldeia em aldeia, atuando como médicas locais”

⁷ Leopoldina, 69 anos de idade. Entrevista concedida a Joely Coelho Santiago. Guajará-Mirim-RO, 05 de agosto de 2020.

(SHUMAHER; BRAZIL, 2007, p. 177). Para Albina⁸, parteira desde a mocidade, ela relembra que:

Se a criança estava atravessada eu desatravessava. Eu ajeitava e botava do jeito que dava. Já tive ocasião da criança nascer o pezinho, voltava para dentro. Eu endireitava pra ele vir do jeito que é; se era braço acomodava e colocava no lugar até que eu virava ele pra vir a cabecinha no lugar certo.

A narrativa de Albina, 81 anos, serve para mostrar a relação de respeito e confiança que as mulheres gestantes estabeleceram com as parteiras. “Aparar” uma criança representava uma ligação forte para o resto da vida, pois ela se tornaria a “madrinha de umbigo”. Além disso, Albina afirma que o trabalho de parto era um desafio quando diz “eu endireitava pra ele vir do jeito que é”. Em outras palavras, acomodar o bebê na posição correta dentro da barriga exigia muita habilidade e paciência, coisa que a medicina moderna não leva em consideração, pois, em tempos atuais, há o aumento no número de denúncias feitas por mulheres que vivenciaram violência obstétrica⁹ e o aumento nos partos por cesarianas¹⁰.

Albina também relembra sobre a importância das fases da lua, pois, o

homem só nasce na lua nova e crescente. Mulher é na cheia e minguante. A mulher quando sente dor pra ter neném se for na nova é embutido, é rápido. Já na minguante é bem fraquinha, é aquela dor espaçosa. A minguante é a lua mais fraca que tem para mulher ganhar neném.

A partir na narrativa da parteira Albina, é possível compreender o quanto a força da lua influenciava no trabalho de parto e, inclusive na intensidade da dor que a gestante sentiria quando ela afirma “dor espaçosa” e “embutido”. Além disso, é possível interpretar que o próprio trabalho de partejamento também recebia influência da lua, podendo resultar um parto rápido ou fraco, a depender da fase minguante, nova, crescente ou cheia. Durante o parto, para ajudar na dilatação do útero, a parteira servia chás medicinais no qual a senhora Ana¹¹ rememora:

tinha o chá de cordão de São Francisco, ali em Pedras¹² era o chá mais próximo. Eles faziam pra molhar o pano, botar em cima da barriga e fazia o chá pra gente beber. Ele é um mato que dá, é mole, a perninha dele é quadrado. Aí ele dá aquela roda assim, tipo uma flor, daí vai subindo pra

⁸ Albina, 81 anos. Entrevista concedida a Joely Coelho Santiago. Guajará-Mirim-RO, 12 de julho de 2019.

⁹ Número de denúncia de violência obstétrica já é dez vezes maior. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/260878/numero-de-denuncias-de-violencia-obstetrica-ja-e-d.htm> Acesso em 12 de agosto de 2023.

¹⁰ Taxas de cesarianas continuam aumentando em meio a crescentes desigualdades no acesso, afirma OMS. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/16-6-2021-taxas-cesarianas-continuam-aumentando-em-meio-crescentes-desigualdades-no-acesso> Acesso em: 12 de agosto de 2023.

¹¹ Ana. Entrevista concedida a Joely Coelho Santiago. Pedras Negras, 12 de janeiro de 2022.

¹² Comunidade Remanescente de Quilombos de Pedras Negras/RO.

cima, dá outro mais em cima tipo aquele nó que tem na cintura de São Francisco. Ali em Pedras tinha muito, mas depois acabou, né.

Um parto seco e em lua específica eram indicações que a mãe sentiria muitas dores, o que significaria, em outras palavras, pouca “passagem” para a criança, logo era oferecido chás com ervas específicas colhidas do quintal ou na Mata, como descreve a senhora Ana na narrativa anterior quando diz “ele é um mato”, “é mole”, “é quadradinho”, “tipo uma flor”. Além do chá de Cordão de São Francisco, outras ervas eram preparadas como folhas de arruda, algodão e sene para estimular a abertura do útero. Para cada erva, um modo de preparo específico e uma finalidade que mal preparados podiam causar vômitos, diarreias, intoxicações e até mortes: “o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na ação sobre as coisas: trata-se da *memória-hábito*, memória dos mecanismos motores” (BOSI, 1994, p. 48). No período de resguardo, outros cuidados eram feitos até a mulher recuperar a saúde da “mãe do corpo”, analisa a senhora Ana¹³:

o chá de serragem quem faz é a parteira no primeiro dia, era o chá de sal com aquele barro de dentro do fogão; no segundo já passava os três dias tomando aquele chá de sene. Se tivesse algum sangue por dentro tirava. Depois do chá de sene, uma tal de quina que amargava que não sei o que! Uma casca, vinha desse lado de Vila Bela¹⁴. Minha avó sempre tinha. Era comprado. Depois vinha a água inglesa, que já estava guardadinho aí em casa. Vinha o vidro com o copinho. Esse você ia tomar até terminar o último dia do resguardo.

A dieta alimentar da nova mãe deveria ser seguida sob prescrição da parteira. Certos hábitos deveriam ser evitados como o consumo de alguns tipos de carnes e peixes, pegar sereno, sol ou fazer força física. Contudo, nem sempre a mãe em resguardo conseguia seguir à risca as orientações da parteira. Algumas mulheres não tinham com quem contar a não ser com o auxílio da parteira que durante o período de resguardo ficava responsável pela manutenção das atividades domésticas daquela nova mãe. Portanto, nem todas as mulheres conseguiram cumprir seus períodos de resguardo, pois tinham que retomar mais cedo para seus trabalhos. É oportuno mencionar que o período de resguardo variava entre quarenta e quarenta e cinco dias, a depender do sexo do bebê.

Considerações para não finalizar

As narrativas orais de vida das mulheres afro-indígenas que trabalharam em colocações de seringa para produção da borracha e em específicos momentos com os

¹³ Ana. Entrevista concedida a Joely Coelho Santiago. Pedras Negras, 12 de janeiro de 2022.

¹⁴ Vila Bela da Santíssima Trindade-MT.

trabalhos de partejamentos, evidenciam um universo ainda pouco acessado pelos espaços acadêmicos: “em vez de médicos, eram elas que, por meio de fórmulas gestuais e orais ancestrais, resgatavam a saúde” (PRIORE, 2018, p. 88). Amélia, Ana, Francisca, Leopoldina e Olandina narraram um cotidiano de trabalho nas florestas onde as mulheres marcaram presença, seja nas etapas de produção da borracha, trabalhos de parto e conhecimentos terapêuticos na luta pela sobrevivência, demonstrando conhecimento prático quando descreveram suas etapas.

Práticas culturais aprendidas no cotidiano com as mulheres mais velhas. No caso das mulheres parteiras, seus conhecimentos foram colocados em dúvida pelos espaços disciplinares pelo hospitais e maternidades. Logo, um trabalho importante numa época em que a medicina moderna não se fazia presente. As parteiras foram médicas das florestas utilizando seus conhecimentos nos preparos de medicamentos naturais extraídos do quintal e da Mata a partir de relações ambientais e sociais, reorganizando modos de vida umas com as outras considerando que a região do vale do Guaporé faz fronteira internacional Brasil Bolívia.

As famílias que constituíram o Guaporé foi a população negra escravizada na região de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT e nas minas de ouro da região, que após o esgotamento de exploração da área foram abandonados pelos colonizadores (TEIXEIRA; FONSECA, 2001). Portanto, um espaço formado por vários quilombos com indígenas e negros fugitivos dos trabalhos escravizados que após o abandono da região pelos brancos puderam reorganizar suas formas de vida (VOLPATO, 1993), portanto um espaço vivenciado por grupos sociais diversos que se relacionaram entre si e formaram famílias afro-indígenas, indígenas, quilombolas, bolivianas e negras.

Finalizando, essa percepção de seringal como um espaço masculino silenciou o trabalho das mulheres que além de trabalharem na produção da borracha, realizavam atividades consideradas domésticas – lavar, cuidar das crianças, dos doentes e do marido, partejar, enfim, tanto atividades produtivas quanto as “improdutivas”, portanto as narrativas aqui citadas podem ser uma possibilidade de fazer uma releitura sob novas lentes acerca do trabalho feminino dentro das colocações de seringa na Amazônia.

REFERÊNCIAS

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. Manaus: Editora Valer / Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 19. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CRUZ, Teresa Almeida; ALMEIDA, Maria Ariádina Cidade. *O trabalho invisível das mulheres seringueiras no Acre*. In: QUEIRÓS, Cesar Augusto Bubolz; ALMEIDA, Gláucia de Almeida (Orgs.). *Trabalho e trabalhadores na Amazônia*. Manaus, EDUA, 2017.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

PERROT, Michelle. *Escrever uma história das mulheres: Relatos de uma experiência*. Tradução de Ricardo Augusto Vieira. Cadernos Pagu, n. 4, p. 9-18, 1995.

PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. (Org.) 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SIMONIAN, Lúcia. *Mulheres seringueiras na Amazônia brasileira: uma vida de trabalho silenciado*. In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; D'INCAO, Maria Ângela (Orgs.). *A mulher existe?: uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia*. Belém: GEPEM, 1995.

SCHUMACHER, Schuma; VITAL BRAZIL, Érico. *Mulheres negras do Brasil*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.

SANTIAGO, Joely Coelho; ROCHA, Hélio Rodrigues da. *Quilé*. In: Uwa 'Kürü – Dicionário Analítico. ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarraf (Orgs.). Rio Branco, Nepan Editora. Vol.7, p. 102-118, 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1XQl4S6sMSD3Jr0efEr2fIYNdfuzMpGh-/view>
Acessado: 05 set 2023.

TEIXEIRA; Marco Antônio Domingues; FONSECA, Dante Ribeiro da. *História Regional: Rondônia*. 2ª ed. Porto Velho: Rondoniana, 2001.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. *Cativos do sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850 – 1888*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1993.